

## BEETHOVEN COMO INFORMAÇÃO

Justin Case (Robert Anton Wilson)

Não é por acidente que Lenin não suportava ouvir a música de Beethoven (a música o fazia querer chorar e tratar as pessoas com gentileza, disse ele) nem que a música de Ludwig foi banida na China Comunista debaixo de Mao Tse Tung, nem que o maior teórico marxista da América, Herbert Marcuse, denunciou a Nona Sinfonia em particular como uma Grande Mentira, invalidada pela cultura que a valoriza, a cultura do Individualismo Ocidental.

Todos os Marxistas, basicamente, são reacionários, ansiando pelo despotismo dos Orientais dos tempos pré-helênicos, a teoria neolítica que precedeu o surgimento da auto-consciência e do egoísmo. Beethoven, como o bardo do individualista recalcitrante é o Joeiro da música: o herói, não apenas da Terceira Sinfonia, mas de todos os seus trabalhos, é também Odisseus esperto em estratagemas, de quem Zeus disse, Como, com uma mente como esta ele é quase como um de nós! Tais indivíduos não surgem em culturas pré-homéricas e não são suportados nas culturas marxistas: são distintamente e particularmente os herdeiros da truculência Grega.

John Fowles afirmou, num contexto dramático, que eleutheria é a mais Grega de todas as palavras. Eleutheria significa liberdade, que era aquilo que a música de Beethoven nos falava o tempo todo. A liberdade artística, logicamente, é aquilo que compreendeu toda a vida de Beethoven, a luta constante para ir além de todos os limites da música e forjar um maior significado e maior complexidade de visão do que o som jamais carregou consigo. Mas o artista, como Joyce dramaticamente demonstrou em Ulysses e Finnegans Wake, está lutando a batalha que todo ser humano deve lutar se não queremos recair na mais completa robotização: a lutar para ver e ouvir com nossos próprios olhos e ouvidos, não através dos circuitos de condicionamento social. Beethoven é um homem, e luta, sobre, e triunfa como um homem, mas fala por todos que estão em algum grau, conscientes de sua potencial individualidade.

Qualquer um que compreenda a minha música nunca mais ficará infeliz, foi o que dizem que Ludwig afirmou. Alguns biólogos duvidam sobre a origem desta citação; mas não importa. Se ele não disse, poderia; a sua música com certeza certamente afirma isto. É a música de um teimoso que está disposto a tudo sofrer, paga qualquer preço pedido, para alcançar visões orgânicas mais elevadas que aquelas que existiam no mundo à sua frente.

Para ir direto ao assunto, o que estava no interior da cabeça de Beethoven era mais importante, a longo prazo, do que tudo que estava acontecendo fora dela naqueles anos. Sua música prova isso; e é precisamente isto que os marxistas não podem tolerar sobre ele: que um homem possa se achar tão importante e, pior, que ele possa demonstrar o porquê dele ser tão importante.

J.W. N. Sullivan, um matemático e portanto, acostumado à precisão, definiu em uma única palavra a resposta que todos apresentamos a Ludwig: reverência. Mas é uma reverência primariamente pela mente de Ludwig que podia conter tanto numa doce

precisão, e então pela Mente em geral, da qual ele era apenas um trans-receptor humano ou super-humano.

Maynard Solomon descreveu a estrutura beethoveniana típica como uma combinação de movimento irresistível e tensão intolerável. Mas essa é exatamente a forma de toda a criatividade (poderia também descrever o orgasmo e o parto); e é também a fórmula da Iluminação, que os Sufis nos garantem existir em três estágios; que qualquer ouvinte pode ouvir nas composições tardias de Beethoven:

1. Senhor, usai-me.
2. Senhor, usai-me mas não me quebreis.
3. Senhor, não me importo que me quebreis.

É grosseiro, logicamente, descrever a Quinta como uma meditação sobre o Destino; Ludwig começou ele próprio esta linha de interpretações, dizendo que o tema de abertura representa o Destino batendo à porta. Sullivan não estava exagerando quando disse que a resolução maior do tema é Beethoven pegando o destino pela garganta. Sullivan poderá estar ou não correto na sua posterior suposição de que o Destino representa principalmente a crescente surdez de Beethoven e o Finale triunfante (tão amargamente alcançado) simboliza a sua descoberta de que ainda poderia compor, mesmo que não mais pudesse ouvir. É mais provável que a Quinta sume tudo que Beethoven conhecia sobre todas as suas lutas, incluindo, mas não limitadas, aos problemas sociais, medos artísticos, quando sua surdez foi declarada incurável e progressiva; isto é talvez o porquê dela refletir todas as nossas batalhas, todas que ganhamos e perdemos, e aquilo que aprendemos na vitória ou derrota.

Ninguém, talvez com a exceção de Shakespeare ou um maldito de um tolo iria produzir um tema em pentâmetro iâmbico a partir da palavra nunca repetida cinco vezes; mas Shakespeare faz isto, e quando e onde o faz, produz um dos seus efeitos trágicos mais poderosos. E ninguém além de Beethoven ou um maldito de um tolo, iria representar a unidade da tese e antítese (ou a Vontade Individual e o Destino Implacável) pela progressão do terceiro para o quarto Movimento sem interpor a pausa tradicional; mas Beethoven faz isto, e faz funcionar. O gênio é a capacidade de conceber o inconcebível, como quando Alekhine faz um cheque-mate no xadrez com um peão, enquanto que o seu oponente e presentes ficam se perguntando o que estariam planejando seus Cavalos ou a Rainha.

Existe um momento na literatura que corresponde ao final da Quinta. É o clímax de Moby Dick quando Ahab finalmente percebe que era realmente Vontade de Deus que a baleia atacasse seus agressores e que ira igualmente a Vontade de Deus que ele não repousaria enquanto não enfrentasse a baleia novamente. Sou o Tenente do Destino, diz Ahab, e é precisamente isto que Beethoven aprendeu em todas as suas lutas contra o Destino. Sou aquilo que foi, é e será, uma citação de uma oração egípcia, em hieróglifos, copiada de seu próprio punho, era mantida numa moldura em sua escrivaninha, onde compôs seus últimos trabalhos.

Talvez alguns místicos tenham alcançado níveis mais elevados de consciência do que Beethoven (talvez!), mas se assim for, não podemos saber isto. Aleister Crowley certa vez espantou-me ao escrever que o artista é maior que o místico; um estranho comentário para um homem que foi ele próprio um artista medíocre (embora um grande

místico). Ao ouvir Ludwig, cheguei a compreender aquilo que Cromel queria dizer. O místico, a menos que ele ou ela sejam um artista, não pode comunicar os estados superiores de percepção alcançados pelo cérebro completamente sintonizado; mas o artista pode. Ouvindo Beethoven, compartilhamos em parte, de suas percepções expandidas e quanto mais ouvimos, mais compartilhamos. Finalmente, podemos acreditar na sua premissa: se alguém ouve aquela música de forma suficiente, nunca mais ficará infeliz.

E Ludwig? Terminou seus dias como um homem (relativamente) pobre, um velho roto; andando por Viena uivando e gritando numa voz desafinada enquanto construía internamente uma música que não conseguia ouvir; esgueirando-se furtivamente para os bordéis porque, finalmente, havia aceitado que o Amor Romântico que ansiava, não fazia parte de seu Destino. Alguns de seus vizinhos diziam que ele era louco. Mas o que estava ocorrendo em sua cabeça era a criação da Nona Sinfonia, da Missa Solemnis e dos Quartetos finais, a maior expressão artística em toda a história do roteiro do DNA desde a evolução da dança unicelular às lutas e sofrimentos de organismos complexos, até a perspectiva extraterrestre dos Imortais Cósmicos que gradualmente vamos nos tornando.

Justin Case é um pseudônimo de Robert Anton Wilson  
Tradução NoKhooja  
Publicado no Tentáculo